

Lição 15 - A Visão. Como a Cor é Vista

TEXTO 418b2-419b27 - LIVRO II, CAPÍTULO VII, CONTINUAÇÃO

A VISÃO. COMO A COR É VISTA

Apenas aquilo que não tem cor pode receber cor, assim como apenas o que é desprovido de som pode receber som. O que é incolor é o transparente e o invisível, ou o que mal se vê, por ser escuro. O transparente é precisamente desta natureza quando não está em ato, mas em potência. Pois uma mesma substância é ora escura, ora luminosa. §§ 427-8

No entanto, nem todas as coisas visíveis são visíveis na luz, mas apenas a cor própria de cada uma. Existem certas coisas que, na verdade, não são vistas na luz, mas que produzem sensação na escuridão, como aquelas que queimam ou são luminosas. Estas não são designadas por um termo único. Tais são os fungos de certas árvores, o chifre, cabeças de peixes, escamas e olhos. Mas a cor própria de cada uma delas não é percebida. Por que essas coisas são assim vistas é assunto para outra investigação. §§ 429-30

No momento, está claro que o que é visto na luz é a cor; [e que] portanto, ela não é vista sem luz. Pois ser cor é ser capaz de mover o transparente ao ato; e este ato do transparente é a luz. Uma prova evidente disso é que, se colocarmos um objeto colorido sobre a própria visão, ele não é visto. Mas a cor move o meio transparente (por exemplo, o ar); e o órgão sensitivo é movido por este contínuo extenso. §§ 431-2

Demócrito apresentou a opinião errônea de que, se o meio fosse um vácuo, a percepção seria exata em toda parte, até mesmo de uma formiga no céu. Isso é, no entanto, impossível; pois a visão ocorre apenas quando a faculdade sensitiva é afetada. Isso, porém, não pode ser efetuado pela cor vista, em si mesma. Deve-se, portanto, ao meio. Se houvesse um vácuo, uma coisa, longe de ser percebida claramente, não seria vista de modo algum. Explicamos, então, por que é necessário que a cor seja vista na luz. §§ 433-5

Mas o fogo é visto tanto na escuridão quanto na luz: necessariamente, pois o transparente é iluminado por ele. § 436

O mesmo raciocínio vale tanto para o som quanto para o odor. Nenhuma sensação é produzida quando um destes toca o órgão: mas um meio é afetado pelo som e pelo odor, e o órgão do sentido de um ou de outro é afetado pelo meio. Mas se colocarmos um objeto que soa ou cheira sobre o próprio órgão do sentido, nenhuma sensação ocorre. O mesmo vale para o tato e o

paladar, embora isso não seja óbvio. A razão para isso será esclarecida mais adiante. § 437

O meio do som é o ar; o do odor não tem nome especial. Pois, assim como há uma qualidade comum para a cor, a saber, o transparente, no ar e na água, também há uma qualidade comum neles para o odor. Pois parece que os animais aquáticos possuem o sentido do olfato. Mas o homem, e todos os seres vivos que respiram, são incapazes de cheirar exceto quando respiram. A causa disso será tratada mais adiante. § 438

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO QUINZE

§ 427. Após tratar da cor, do meio transparente e da luminosidade, o Filósofo passa agora a explicar como o meio se relaciona com a cor. Fica claro, pelo que foi dito, que o meio transparente é receptivo da cor; pois a cor, como vimos, atua sobre ele. Ora, o que é receptivo da cor deve ser, ele mesmo, incolor, assim como o que recebe o som deve ser desprovido de som; pois nada recebe o que já possui. O meio transparente é, portanto, incolor.

§ 428. Mas, assim como os corpos são visíveis por suas cores, o meio transparente deve ser, em si mesmo, invisível. No entanto, como uma mesma capacidade apreende qualidades contrárias, segue-se que a visão, que apreende a luz, também apreende a escuridão. Portanto, embora o meio transparente por si mesmo não possua nem luz nem cor, sendo receptivo a ambas, e, assim, não seja visível por si mesmo da maneira como as coisas brilhantes ou coloridas o são, ele pode, todavia, ser chamado de visível do mesmo modo que as coisas escuras e as coisas quase invisíveis são assim chamadas. O diáfano é, portanto, uma espécie de escuridão, enquanto não está atual, mas apenas potencialmente transparente: a mesma coisa é o sujeito, ora da escuridão, ora da luz. Assim, o diáfano, enquanto carece de luminosidade e é apenas potencialmente transparente, encontra-se em estado de escuridão.

§ 429. Em seguida, em 'Nem todas', tendo decidido sobre a cor, que se torna visível pela luz, ele chega a uma conclusão sobre aquele outro objeto visível do qual ele disse acima que não tinha nome próprio. Ele observa que nem todas as coisas dependem da luz para serem vistas, mas apenas a cor própria de cada coisa particular. Algumas coisas, por exemplo, certos animais que parecem flamejantes e luminosos no escuro, não são visíveis na luz, mas apenas na escuridão. Há muitas dessas coisas, incluindo os fungos dos carvalhos, o chifre de certas bestas e as cabeças de certos peixes, e as escamas e olhos de alguns animais. Mas, enquanto todas essas coisas são visíveis no escuro, a cor própria de cada uma não é vista no escuro. As coisas são vistas tanto na luz quanto na escuridão; mas, na escuridão, apenas como objetos brilhantes; na luz, como objetos coloridos.

§ 430. A razão pela qual elas são vistas brilhando na escuridão é outra questão. Aristóteles apenas menciona o fato de passagem, para mostrar a relação do visível com a luminosidade. Esta, no entanto, parece ser a razão de serem visíveis no escuro: tais coisas têm em sua constituição algo de luz, na medida em que o brilho do fogo e a transparência do ar e da água não são inteiramente sufocados nelas pela opacidade da terra. Mas, tendo apenas uma pequena quantidade de luz, seu brilho é obscurecido na presença de uma luz maior. Por isso, na luz, elas aparecem não como

brilhantes, mas apenas como coloridas. A luz em sua constituição é tão fraca que é incapaz de atualizar perfeitamente o meio potencialmente transparente para receber o efeito total das cores que, por natureza, ele está apto a receber. Portanto, por essa luz, nem sua própria cor nem a de outras coisas é vista: apenas seu brilho. Pois o brilho, sendo um agente mais eficaz sobre o meio do que a cor, e em si mesmo mais visível, pode ser visto com menos alteração do meio do que a cor requer.

§ 431. Em seguida, em 'Agora, o que está claro', ele explica como a cor afeta atualmente a visão, primeiro apontando o que isso necessariamente pressupõe, e então, em 'O mesmo relato vale', indicando uma condição necessária semelhante no caso dos outros sentidos. Quanto ao primeiro ponto, ele primeiro decide qual é a verdade da questão, e então, em 'Demócrito etc.', descarta um erro. Primeiro, então, ele diz que agora está claro para nós que o que é visto na luz é a cor, e que a cor é invisível sem luz; e isso porque, como foi explicado, a cor, por sua natureza, atua sobre um meio transparente, e o faz em virtude da luz, que é a atualidade deste. Portanto, a luz é necessária para que a cor seja vista.

§ 432. Uma indicação disso é o fato de que, se um corpo colorido é colocado sobre o órgão da visão, ele não pode ser visto; pois então não resta nenhum meio transparente para ser afetado pela cor. A pupila do olho é, de fato, um tal meio, mas, enquanto o corpo colorido permanece sobre ela, ela carece de transparência atual. Tem que haver um meio, digamos, ar ou algo do tipo, que, sendo atualizado pela cor, atue sobre o órgão da visão como sobre um corpo contínuo a si mesmo. Pois os corpos só se afetam mutuamente através do contato atual.

§ 433. Em seguida, em 'Demócrito etc.', ele descarta uma visão errônea. Demócrito, diz ele, estava errado ao pensar que, se o meio entre o olho e a coisa vista fosse um vácuo, qualquer objeto, por menor que fosse, seria visível a qualquer distância, por exemplo, uma formiga no céu. Isso não pode ser. Pois, para que algo seja visto, deve afetar atualmente o órgão da visão. Ora, foi mostrado que esse órgão como tal não é afetado por um objeto imediato — como um objeto colocado sobre o olho. Portanto, deve haver um meio entre o órgão e o objeto. Mas um vácuo não é um meio; ele não pode receber ou transmitir efeitos do objeto. Logo, através de um vácuo, nada seria visto de forma alguma.

§ 434. Demócrito errou porque pensou que a razão pela qual a distância diminui a visibilidade era que o meio é, por si mesmo, um impedimento à ação do objeto visível sobre a visão. Mas não é assim. O meio transparente como tal não é minimamente incompatível com a luminosidade ou a cor; pelo contrário, está proximamente disposto a recebê-las; um sinal disso é que ele é iluminado ou colorido instantaneamente. A verdadeira razão pela qual a distância diminui a visibilidade é que tudo o que é visto é visto dentro do ângulo de um triângulo, ou melhor, de uma pirâmide, cuja base é o objeto visto e o ápice está no olho que vê.

§ 435. Não faz diferença se a visão ocorre por um movimento do olho para fora, de modo que as linhas que fecham o triângulo ou a pirâmide vão do olho ao objeto, ou vice-versa, desde que a visão envolva essa figura triangular ou piramidal; o que é necessário porque, como o objeto é maior que a pupila do olho, seu efeito sobre o meio tem que ser reduzido gradualmente até chegar ao olho. E, obviamente, quanto mais longos são os lados de um triângulo ou pirâmide, menor é o ângulo no ápice, desde que a base permaneça a mesma. Quanto mais distante, então, está o

objeto, menor ele parece — até que, a uma certa distância, não pode ser visto de forma alguma.

§ 436. Em seguida, em 'Mas o fogo', ele explica como o fogo e os corpos brilhantes são vistos — que são visíveis não apenas, como os objetos coloridos, na luz, mas mesmo no escuro. Há uma razão necessária para isso, a saber, que o fogo contém luz suficiente para atualizar perfeitamente o meio transparente, de modo que tanto ele mesmo quanto outras coisas se tornem visíveis. Nem sua luz se apaga na presença de uma luz maior, como acontece com os objetos mencionados acima.

§ 437. Então, em 'O mesmo relato', ele mostra como o caso dos outros sentidos é semelhante ao da visão. Nenhum som ou odor, por exemplo, é percebido se há contato imediato com o órgão em questão. Deve haver um meio afetado pelo som ou odor, que então afete nosso sentido de audição ou olfato. Um corpo sonoro ou odorífero colocado sobre o órgão não é percebido como tal. O mesmo é verdadeiro até mesmo para o tato e o paladar, embora, por uma razão a ser dada posteriormente, isso seja menos evidente.

§ 438. Finalmente, em 'O meio do som', ele afirma qual é o meio na audição e no olfato. O da audição é o ar, e o do olfato é algo comum ao ar e à água — assim como ambos fornecem um meio para a cor, na medida em que cada um é uma transparência. Na verdade, não há nome para a qualidade no ar e na água que fornece o meio para o odor; mas certamente não é a transparência. E que tanto o ar quanto a água são condutores do odor, ele mostra pelo fato de que os animais marinhos têm olfato. O homem, no entanto, e outros animais que andam e respiram, só cheiram respirando; o que prova que o ar é o meio do olfato. Este fato será explicado mais tarde.

Revision #1

Created 4 October 2026 19:47:45 by Admin

Updated 4 October 2026 19:48:25 by Admin